

Unindo Vozes contra a Violência de Gênero

Mariliz Pereira Jorge | *Jornalista*

O silêncio.

No sábado, 7 de outubro de 2023, o grupo terrorista Hamas foi responsável pelo maior atentado ao povo judeu desde a Segunda Guerra Mundial. Diante da barbárie perpetrada contra meninas e mulheres judias, o silêncio. A resposta aos gritos de socorro, de horror, de dor, foi o silêncio da comunidade internacional, de grupos feministas, de entidades de proteção feminina.

O silêncio.

O estupro como arma de guerra é historicamente usado para que o corpo das mulheres seja marcado como território vencido e arrasado. Vai além da violência sexual descrita como vazão ao instinto masculino. É estratégia brutal contra a mulher, método rudimentar e desumano para humilhar e aterrorizar o povo rendido e criar um estado de trauma coletivo. Um crime, por vezes, considerado menor numa guerra tal qual a violência de gênero no nosso dia a dia. Como vemos agora. Diante dos casos de estupro contra judias, o silêncio. A conivência. O desdém.

Judeus do mundo todo sentem e choram o sofrimento de mulheres e meninas, alvos do sadismo de um grupo terrorista que foi abraçado com status de “combatentes pela liberdade”. Que liberdade é essa que aprisiona seres humanos num pesadelo que não acaba e que nega às vítimas a legitimidade do calvário a que foram submetidas?

Relatos de sobreviventes e de testemunhas, vídeos, confissões dos próprios terroristas revelam que mulheres de todas as idades não foram só estupradas, mas barbarizadas. Foram violadas por fileiras de homens, desfiladas como bichos abatidos, tiveram seios decepados, as cabeças como troféus nas mãos dos estupradores.

A arte quebra o silêncio e grita para que as vítimas sejam ouvidas.

APOIO:



REALIZAÇÃO: